

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA

Data de aceite: 11/11/2022

O presente trabalho é uma versão modificada e atualizada do artigo “A psicanálise diante do outro (ou o ‘inquietante’ divã de Procusto)”, originalmente publicado na revista *Psyche* (São Paulo), v. 12, n. 23, 2008.

Mauricio Rodrigues de Souza

Universidade Federal do Pará

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6290-000X>

Este texto pode ser lido como uma reflexão acerca da alteridade em psicanálise, incluindo-se aí algumas das suas implicações em termos metapsicológicos. Nesse sentido, divide-se basicamente em três eixos principais. Primeiramente, apoiando-se no trabalho de Mannoni (1991) e na referência feita por ele à lenda grega de Procusto, busca relativizar a aproximação entre a teoria e a escuta psicanalítica, demonstrando que o tipo de saber inaugurado por Freud escapa a qualquer tentativa apressada ou totalizante de normalização. Ou seja, balizando-

se na transferência, mantém em si um “resto” inominável, uma diferença que lhe é constitutiva, impedindo que se confunda com a pedagogia ou mesmo com o mero condicionamento.

Como veremos em um segundo momento, trata-se aí da própria alteridade do inconsciente, analisada por Freud (1976c), por exemplo, em *O inquietante* (*Das Unheimliche*), trabalho do qual nos ocuparemos mais detalhadamente. Nele procuramos demonstrar como, sob o pano de fundo da estética literária, o mesmo Freud (1976c) nos brinda com uma inovadora abordagem do outro que, em vez de rechaçá-lo ou projetá-lo alhures, qualifica-o como inerente a tudo que é humano, cindido por excelência.

E qual a relação de tal perspectiva com a prática clínica? Eis o nosso terceiro e último foco de interesse neste capítulo. Assim, articulamos este estranho de nós mesmos representado pelo inconsciente à estranheza característica da própria função

do analista, profissional regido por uma ética bastante particular. E o que a singulariza? Bem, o fato de ser regida não por princípios impostos de fora – a despeito da teoria –, mas pelo próprio, ainda que tantas vezes estranho, desejo daquele que, a partir do divã, ousa perguntar.

“O DIVÃ DE PROCUSTO”: MAUD MANNONI E O VALOR DE UMA METÁFORA

Mannoni (1991) inicia seu trabalho resgatando o contexto geral da lenda grega de Procusto, uma espécie de bandido cuja “hospitalidade” consistia em oferecer a viajantes cansados e/ou perdidos uma cama de ferro para repouso. Ocorre que esse personagem reservava uma terrível surpresa a todos aqueles que aceitavam o seu aparentemente bondoso convite, prendendo-os a correntes e moldando-os de acordo com o tamanho do leito em questão. Assim, se a vítima era muito pequena, seu corpo era violentamente esticado. Ao contrário, se era grande demais, invariavelmente detinha partes de si amputadas.

Mannoni (1991) não nos conta, mas certo é que o final dessa história reservaria a Procusto um trágico destino, padecendo do seu próprio remédio ao encontrar a morte na mesma cama que o tornara famoso. De qualquer forma, tal retorno à sabedoria da Grécia antiga se revela absolutamente útil para que a autora, elevando Procusto à qualidade de normalizador, eleja-o como “patrono” dos que confundem a psicanálise com a aplicação de testes ou mesmo busquem nela uma espécie de reeducação, já que “O objetivo da psicanálise é bem diferente, é fazer com que os analisandos tornem-se não conforme a norma, mas eles mesmos” (MANNONI, 1991, p. 11).

Para tanto, segue Mannoni (1991), o saber inaugurado por Freud dispõe de pelo menos duas ferramentas essenciais: a *intervenção* e a *interpretação*, práticas essas que, embora por vezes utilizadas de maneira indistinta, guardam algumas peculiaridades a serem melhor avaliadas, até mesmo por remeterem a certos problemas de ordem, ao mesmo tempo, técnica e metapsicológica. Com efeito, iniciando pela intervenção, Mannoni (1991) estabelece uma perspicaz comparação entre ela e a teoria. Nesse sentido, embora admita que, salvo raras exceções, a primeira não deva contradizer a segunda, a autora faz questão de alertar para os perigos de uma eventual confusão:

Se se trata de encontrar a intervenção adequada, esta intervenção não deve ter a aparência de uma observação teórica, uma observação teórica se parece com uma recusa daquilo que o analisando procurava dizer. Ou então ela o relega a um lugar onde não existe mais a palavra. Ele torna-se parecido com um acusado a quem lemos um artigo do código e que compreende somente que este artigo o condena. Em uma palavra, talvez seja mesmo o analista que tenha o saber, mas ele não detém o seu monopólio (MANNONI, 1991, p. 14).

Mas o que podemos deduzir daí? Ora, que evidentemente o aprendizado teórico

baliza a atividade clínica do analista – incluindo-se aí as suas intervenções –, subsidiando ainda a autoridade desse profissional. Contudo, nada disso tem uma importância direta para o paciente, a quem interessa muito mais o alívio dos seus sofrimentos do que qualquer convencimento do tipo categórico. É o que explicita Mannoni (1991), apoiando-se na mensagem winnicottiana de que um terapeuta que sabe demais poderia privar o analisando de um bem absolutamente precioso: a sua própria criatividade (Winnicott, 1975).

Dessa maneira, ainda seguindo as ideias de Mannoni (1991), temos que, em se tratando do trabalho do analista, o verdadeiro sábio não é o que narcisicamente proclama o seu conhecimento aos quatro ventos, mas aquele outro que, ao contrário, torna-se mestre na arte de escondê-lo, retirando seus curingas da manga apenas quando uma intervenção realmente se fizer necessária. Do contrário, sairá da análise, acorrentando assim tanto o divã quanto a sua própria poltrona.

Uma vez feitas essas observações acerca da questão da intervenção em psicanálise, Mannoni (1991) retorna à observação de Winnicott (1975) quanto aos riscos de um cerceamento da criatividade do paciente. Sugere então que teríamos aí uma alusão sobretudo ao conceito de interpretação (*Deutung*). Como vimos anteriormente, eis o segundo foco de interesse da autora, merecendo, inclusive, alguns comentários à parte em termos da sua contextualização:

[...] a *Deutung*, cujo modelo é a *Traumdeutung* (Interpretação dos Sonhos), repousava sobre um certo e curto período da história da psicanálise, o período durante o qual reinou o simbolismo que pode-se chamar freudojunguiano, que permitia estabelecer uma espécie de código dos símbolos e de traduzir, quase automaticamente, primeiro os sonhos, e, em seguida, as associações. Este método – supondo que seja um método – foi bem rapidamente abandonado (MANNONI, 1991, p. 18).

Cabe notar aqui pelo menos dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, a relação proposta por Mannoni (1991) entre a interpretação e certa padronização da escuta psicanalítica. Com efeito, vale a pena observar também o vínculo estabelecido pela analista francesa entre a *Deutung* e o sentido do material onírico fornecido pelos analisandos. Fora desse círculo, porém, tal atribuição de significado pode se revelar enganadora, sendo, portanto, passível de maior problematização.

De tudo isso decorre que, para além da familiaridade com as normas ditadas pela teoria ou pela técnica, o fundamento da clínica e da escuta psicanalíticas de que nos fala Mannoni (1991) reside em outro lugar. Na verdade, em um lugar do não lugar, terreno da sombra, do excesso, da diferença, do inominável, marcado em sua constituição por certa estranheza ou mesmo desconforto. Em uma palavra, temos diante de nós a própria seara do inconsciente, explorada em maiores detalhes por Freud (1976c) em um texto que carrega

consigo o sugestivo título de *O inquietante (Das Unheimliche)*¹. Dele nos ocuparemos em maiores detalhes a seguir.

SIGMUND FREUD E A FAMILIAR ESTRANHEZA: COMENTÁRIOS A PARTIR DE O INQUIETANTE (DAS UNHEIMLICHE)

Freud (1976c) abre seu trabalho com algumas considerações de ordem estética, ainda que saliente não ser esse um terreno muito comum para intervenções psicanalíticas. Para o autor, contudo, elas se justificariam quando da abordagem de temas um tanto quanto obscuros ou mesmo negligenciados (já que pouco afeitos a aproximações com o que se convencionava chamar de belo ou grandioso). Dentre tais temas, situar-se-ia aquela capacidade da obra de arte – na literatura, por exemplo – de provocar em seus apreciadores sentimentos como o de uma desconfortável “inquietude”.

Ou seja, trata-se da experiência daquilo que atrai e seduz, mas que, ao mesmo tempo, também choca e/ou aterroriza, provocando repulsa. Portanto, transpondo a lógica da não contradição característica da filosofia aristotélica, entramos aqui no curioso terreno de uma espécie de fascínio exercido pela liminaridade do sentimento do negativo, liminaridade essa relativa a uma intensidade sem palavras, à angústia do que não pode ser descrito, circunscrito ou controlado, mas apenas vivenciado.

De volta ao texto de Freud (1919/1976c), ele sugere duas possíveis vias para um estudo mais apropriado da acima referida sensação de desassossego despertada pela criação artística. Primeiro, uma pesquisa histórico-comparativa voltada ao desenvolvimento linguístico da palavra *Unheimliche* no contexto de variadas culturas. Em segundo lugar, a procura da elucidação de uma essência do “sinistro” a partir da reunião de características particulares de coisas, pessoas e vivências com poder suficiente para despertarem em nós tal impressão.

Ambos os caminhos, porém, acabarão por nos conduzir a um mesmo resultado: “[...] o inquietante é aquela variedade do aterrorizante que remonta ao há muito conhecido, ao há muito familiar” (Freud, 1976c, p. 220)². Eis a hipótese freudiana que orientará o restante do texto. Com efeito, há aqui a aposta de que por detrás do aparentemente incompreensível

1. Muito embora o texto de Freud (1976c) seja até hoje comumente traduzido no Brasil por “O Estranho”, tal denominação acaba por deturpar um tanto o sentido originalmente pretendido por seu autor, que, para além de debater aspectos de uma condição específica de estrangeiro, remete o leitor a algo mais: a uma angústia ou desassossego diante de eventos ou situações inomináveis que beiram mesmo o sobrenatural. Daí a nossa opção por “O inquietante”. Vejamos o que nos diz Hanns (1996, p. 234-235) a respeito: “Em português, ‘o estranho’ pode evocar a idéia de alguma alteridade, de um outro externo, forasteiro, que seja diferente e esquisito. Em alemão esta ideia está mais presente no termo *Fremd*, freqüentemente utilizado por Freud [...]. *Unheimlich* também é externo e estranho, mas centra-se na origem fantasmagórica e sinistra [...]. Ao traduzir-se o termo *das Unheimliche* por ‘o estranho’ perdem-se as conotações [...] inquietante e fantasmagórica de que algo cerca o sujeito sorratamente”.

2. Todas as traduções apresentadas aqui foram feitas livremente por mim a partir da versão em castelhano das obras completas de Freud publicada pela editora argentina Amorrortu.

ou atemorizante se esconde algo há muito conhecido, ainda que reprimido e deslocado para uma penumbra não contemplada pela luz do dia (leia-se: afastado da consciência). Mas de que maneira Freud (1976c) alcança tal conclusão? Enfim, como constrói a sua linha de raciocínio? É o que exploraremos agora.

Com efeito, ao dar início à primeira das abordagens que propôs para o estudo da palavra *Unheimliche*, Freud (1976c) nos remete à etimologia desse substantivo na língua alemã. Assim, demonstra como, em princípio, poderíamos deduzir uma relação direta e inequívoca entre a inquietude e a não-familiaridade (em termos de incerteza intelectual). Entretanto, apoiando-se no fato de que nem toda novidade é necessariamente amedrontadora – significando, portanto, que algo a mais deveria ser acrescentado ao inusitado para torná-lo digno de medo –, o texto de Freud (1976c) alcança uma interessante virada ao procurar ir mais além dessa relação.

Nesse sentido, Freud (1976c) parte rumo à análise das diferentes expressões do sentimento inquietante em outros idiomas, como o latim, o grego, o inglês, o francês e o espanhol. Em tal esforço, um paradoxo se torna digno de nota: dentre os variados matizes da palavra *heimlich*, pelo menos um em específico coincide com o seu oposto imediato – *unheimlich*³. Eis o que conduz o autor à afirmação de uma constante presença do inominável na sombra do aparentemente conhecido: “Então, *heimlich* é uma palavra que desenvolveu seu significado seguindo uma ambivalência que, por fim, coincide com seu oposto, *unheimlich*. De alguma forma, *unheimlich* é uma variedade de *heimlich*” (FREUD, 1976c, p. 226).

Conforme anunciado anteriormente, após essa incursão pelo terreno da etimologia, Freud (1976c) alcança a segunda parte da sua pesquisa, quando passa em revista algumas impressões e/ou experiências particularmente ligadas ao inquietante. Assim, o primeiro exemplo utilizado por ele para discutir a vivência concreta desse sentimento recai sobre os autômatos ou bonecos de cera como possíveis causadores de dúvida sobre um ser animado estar realmente vivo ou, ao contrário, se um objeto aparentemente inerte não seria, na verdade, portador de vida.

É precisamente tal questionamento que nos reconduz ao universo das obras de arte, particularmente ao campo da literatura. Afinal, Freud (1976c) adota como exemplo privilegiado da sua análise o conto *O homem da areia*, de autoria de Hoffmann (1993), relativamente famoso, dentre outras coisas, por uma de suas principais personagens, Olímpia⁴. Em dado momento da narrativa, dada a sua graça, beleza e aparente vivacidade,

3. O que Freud (1976c) faz aqui é apontar a relatividade de uma expressão. Logo, também de uma situação, já que determinado conteúdo pode ser, ao mesmo tempo, amplamente conhecido por um grupo específico ou “iniciado” e desconhecido por outras pessoas “leigas” no assunto.

4. Escritor alemão nascido no século XVIII que alcançou considerável notoriedade por um estilo narrativo bastante peculiar e que remetia ao universo do fantástico e/ou sobrenatural. Para maiores detalhes acerca da biografia e da produção

Olímpia se torna objeto da paixão de Nathaniel, um jovem assombrado por fantasmas do passado. O desenrolar da história, porém, revela ao nosso candidato a Romeu o fato de que Olímpia não passa de uma boneca, descoberta essa que provoca no leitor certa dose de estranheza.

Entretanto, como vimos anteriormente, Freud (1976c) não se satisfaz com a associação entre o sentimento *unheimlich* e a não familiaridade em termos de incerteza intelectual. E é assim que volta sua atenção para outro personagem que, também presente no conto de Hoffmann (1993), confere-lhe, inclusive, o próprio título. Com isso, Freud (1976c) passa a uma breve descrição das desventuras de Nathaniel e do seu delírio que associa um antigo trauma pessoal (a morte do pai) a outra figura de sua infância que, reatualizada em certos momentos da vida adulta, atende pelo nome de “homem da areia”. Ele é uma espécie de bicho-papão que, na cultura alemã, servia para auxiliar as mães a mandarem seus filhos para a cama sob a ameaça de terem seus olhos primeiramente feridos com um punhado de areia e depois roubados para todo o sempre.

Pois bem, o núcleo da análise freudiana do conto de Hoffmann (1993) privilegia essa angustiante possibilidade da perda dos olhos como um terror em estado bruto (logo, sem representação psíquica) associado, por sua vez, ao complexo psicanalítico de castração⁵. Nesse contexto, em termos edipianos, o “homem da areia” apareceria como uma reedição da figura paterna, a qual imprimiria no psiquismo infantil a ambivalência de sentimentos como amor, ódio e temor.

Em seguida, Freud (1976c) busca testar a plausibilidade dessa associação entre o sentimento do sinistro e um fator de ordem infantil pela possibilidade ou não de aplicá-la a outros contextos. Assim, é a partir de *Os elixires do diabo*, também uma novela de Hoffmann (1983), que Freud (1976c) nos remete à temática do duplo, destacando na trama a ocorrência de grande semelhança entre os personagens em termos de conhecimentos e experiências comuns. Em uma palavra, trata-se de uma confusão de identidades pautada pela via identificatória, aliada à duplicação, divisão e intercâmbio do eu.

Aqui o texto freudiano toma como referência um trabalho prévio de Rank (1976) que acabaria por se revelar bastante útil por propor uma reflexão acerca da inter-relação entre o duplo, as sombras, o animismo e a morte. Freud (1976c) se utiliza de tal quadro para propor uma interpretação da ocorrência do duplo – em termos da crença em uma alma

bibliográfica de Hoffmann, consultar, por exemplo, o trabalho de Cesarotto (1996).

5. Conforme o célebre dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (1992), trata-se de um: “Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a função interditoria e normativa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 73).

imortal, por exemplo – como medida de segurança diante da sempre eminente ameaça de destruição do ego representada pela morte. Nesse processo, poder-se-ia verificar um reflexo direto do narcisismo primário que caracterizaria tanto a mente da criança quanto a do homem primitivo⁶.

Entretanto, novamente para Freud (1976c), uma vez superada essa etapa do desenvolvimento humano, ocorreria uma interessante mudança no status do duplo que, de garantia de imortalidade, passaria à condição de ameaçador arauto de maus-presságios. Para justificar tal afirmação, somos remetidos a uma ocorrência outrora já debatida em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1976a) e *Luto e melancolia* (FREUD, 1976b). Trata-se da progressiva formação de uma instância psíquica que, embora gerada a partir do eu, dele se apartaria, exercendo sobre si uma atividade de observação e censura. Ainda que provisoriamente denominada “consciência moral”, temos aí o prenúncio da noção de supereu, a qual, pouco depois, alcançaria grande importância em *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1976d), sendo mais tarde retomada em trabalhos ulteriores como *O eu e o isso* (FREUD, 1976e).

Nesse ponto da nossa leitura adquire importância lembrarmos o fio condutor proposto pelo próprio Freud (1976c) para a sua análise do inquietante: o de que tal fenômeno é aquela variedade do aterrorizante que remonta ao familiar, ao há muito conhecido, porém reprimido. Afinal, é com essa perspectiva que poderemos compreender a seguinte afirmação, com a qual o autor encerra seus comentários sobre o duplo como possível representante da vivência do *unheimlich*:

[...] o caráter inquietante só pode se apoiar no fato de que o duplo é uma formação oriunda de épocas primevas e já superadas da vida anímica, sendo que, naquele tempo, ele (o duplo) possuiu, sem dúvida, um sentido mais benigno. O duplo se tornou uma figura aterrorizante assim como os deuses que, com a ruína da sua religião, convertem-se em demônios (FREUD, 1976c, p. 236).

O mote da repetição do igual, porém, permanece na ordem do dia, sendo, inclusive, privilegiado como um novo material para a análise da experiência do inquietante. É assim que Freud (1976c) passa a explorar em seu escrito situações que, embora vinculadas ao cotidiano, acabariam por extrapolar esse contexto, tornando-se inusitadas por se aproximarem de determinados estados oníricos onde se estabeleceria certa confusão entre

6. Para além da menção ao caráter, digamos assim, “politicamente incorreto” da associação freudiana entre as figuras do “selvagem” e da criança no que se refere aos temas do narcisismo e da onipotência do pensamento – derivada, ao menos em parte, das ideias etnocêntricas do chamado evolucionismo social que marcou a transição do século XIX para o XX (cf. SOUZA, 2003) –, cabe conceituar o narcisismo primário. Nesse sentido, vejamos o que mais uma vez nos dizem Laplanche e Pontalis (1992, p. 290): “Em Freud, o narcisismo primário designa de um modo geral o primeiro narcisismo, o da criança que toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores. Esse estado corresponderia à crença da criança na onipotência dos seus pensamentos [...] quer se aceite ou se recuse a noção, designa-se sempre assim um estado rigorosamente ‘anobjetal’, ou pelo menos ‘indiferenciado’, sem clivagem entre um sujeito e um mundo exterior”.

a realidade psíquica e a realidade material.

A título de ilustração, Freud (1976c) nos conta como, em viagem a uma pequena cidade italiana, subitamente flagrou a si mesmo perdido e caminhando por uma zona de prostituição. Embaraçado, rapidamente buscou deixar o local, mas seus esforços foram seguidamente frustrados pelo retorno à mesma rua “suspeita”, o que lhe causou uma sensação *unheimlich* somente dissipada quando finalmente reencontrou a pitoresca *piazza* da região, objeto original do seu interesse.

Já no parágrafo seguinte, vemos Freud (1976c) empenhado em complementar sua descrição, chamando nossa atenção para outras situações que, a seu ver, evidenciariam o papel da repetição involuntária em tornar sinistro o que, de outra maneira, permaneceria inofensivo e corriqueiro. Como exemplo, cita a coincidência de, em um curto espaço de tempo, depararmos-nos com situações ligadas a um mesmo número ou nome de pessoa, algo que, sobretudo para os indivíduos mais supersticiosos, certamente poderia adquirir um secreto ar de sina ou maldição.

Aqui, embora reafirme a vinculação do inquietante retorno do igual a elementos da psicologia infantil, Freud (1976c) se isenta de comentários mais aprofundados sobre o assunto, sugerindo aos eventuais leitores interessados a leitura do então recentemente concluído *Além do princípio de prazer* – a ser publicado no ano seguinte (cf. FREUD, 1976d). Ainda assim, somos presenteados com a seguinte e ilustrativa sentença:

No inconsciente psíquico, com efeito, discerne-se o império de uma *compulsão à repetição* que provavelmente depende, por seu turno, da natureza mais íntima das pulsões; tem poder suficiente para subjugar o princípio do prazer, confere um caráter demoníaco a certos aspectos da vida mental e, todavia, exterioriza-se com muita nitidez nos impulsos infantis, governando ainda uma parte do discurso dos neuróticos. Todas as elucidações anteriores nos fazem esperar que se sinta como inquietante justamente o que for capaz de recordar essa compulsão à repetição interior (FREUD, 1976c, p. 238).

O mesmo Freud (1976c) escolhe então, mais uma vez, voltar-se à coleta de casos que comprovassem a hipótese anteriormente mencionada de que o *Unheimliche* diria respeito a um tipo de medo ou angústia que aludiria ao anteriormente familiar. Com isso, convida-nos a um passeio por terrenos aparentemente tão distintos quanto os versos de Schiller, a neurose obsessiva e o popular “mau-olhado” para deles extrair um único elemento em comum: a onipotência de pensamento. No primeiro exemplo, representada pela pronta realização dos desejos de Polícrates, personagem do poeta alemão. No segundo, pelo relato de “pressentimentos” que, mais tarde, acabariam por se tornar realidade. Finalmente, no que se refere ao “mau olhado”, pelo receio da efetividade de uma suposta intenção secreta e invejosa de fazer o mal.

Para Freud (1976c), esses exemplos possibilitariam um retorno teórico ao animismo

como sistema de crenças derivado de uma incapacidade do “selvagem” em suportar as proibições impostas pela realidade. Tal condição o levaria a, em certo sentido, confundir-se com ela, povoando então o mundo de almas desencarnadas para assim encenar uma supervalorização narcísica de si mesmo e dos seus processos mentais. Isso pela atribuição de poderosas qualidades mágicas a indivíduos ou objetos específicos do seu interesse e/ou da sua área de influência, os quais seriam capazes de modificar as ações dos supostos espíritos que governariam a existência.

Nesse momento do seu texto, Freud (1976c) retoma aquela associação anteriormente feita entre as mentes “primitiva” e infantil, como se todo ser humano houvesse um dia passado por um período do seu desenvolvimento individual semelhante ao animismo como negação narcísica do princípio de realidade. E mais, preservando certos resquícios dessa fase, os quais, posteriormente, encontrariam sua expressão justamente no sentimento inquietante. Eis quando, de maneira sintética, Freud (1976c) novamente retoma a perspectiva norteadora do seu trabalho, expondo-a ao leitor através das seguintes observações:

Em primeiro lugar: se a teoria psicanalítica está certa quando assevera que todo afeto de um impulso emocional, de qualquer classe que seja, se transforma em angústia por obra da repressão, entre os casos daquilo que provoca angústia deve haver um grupo em que se possa demonstrar que este angustiante é algo reprimido que retorna. Esta variedade do que provoca angústia seria justamente o inquietante, sendo indiferente se em sua origem fora algo angustiante ou então se foi substituído por algum outro afeto. Em segundo lugar: se esta é, na verdade, a natureza secreta do inquietante, podemos compreender que os usos da língua tenham transformado o “*Heimliche*” {o “familiar”} em seu oposto, o “*Unheimliche*” [...] pois este inquietante não é efetivamente algo novo ou alheio, mas sim algo há muito familiar ao psiquismo, somente alijado dele pelo processo da repressão (FREUD, 1976c, p. 240-241).

Entretanto, insatisfeito com a quantidade de exemplos por ele utilizados até aqui para a sua discussão da vivência do inquietante, Freud (1976c) escolhe alguns outros, como o confronto com a morte e seus conteúdos. Para Freud (1976c), eis aí um terreno marcado pela superstição e pelo conservadorismo intelectual, relativos, por sua vez, à recusa do inconsciente quanto à ideia da própria mortalidade. Nesse sentido, uma das imagens em geral apresentadas como mais frequentemente assustadoras – a de ser enterrado vivo por engano -, é compreendida como a transformação de uma fantasia originalmente inofensiva: aquela da existência intra-uterina.

Para além da origem e do fim, avança Freud (1976c), teríamos ainda, completando esse quadro, o encontro com o próprio homem como um outro potencialmente ameaçador. Isso devido a sua qualidade de potencial representante de forças inauditas ou maléficas que, ao se tornarem visíveis – na epilepsia ou na loucura, por exemplo –, levar-nos-iam a

presentir a sua presença sorradeira também em cada um de nós.

Antes de seguirmos adiante rumo às últimas páginas do texto de Freud (1976c), cabe enfatizar outro foco utilizado pelo autor para discutir a experiência do sinistro, exemplo esse que, dada a sua natureza mais ampla, merece encerrar esta parte da nossa análise. Ele diz respeito ao caráter *unheimlich* provocado por qualquer sensação de um fim da distinção entre imaginação e realidade. Ou seja, uma (con) fusão entre o eu e o mundo para além do campo da linguagem representacional. Ainda segundo Freud (1976c), far-se-ia necessário notar aí a presença de uma supervalorização da realidade psíquica em contraponto à realidade material, processo esse mais uma vez associado à chamada onipotência do pensamento.

E com isso alcançamos a terceira e última parte do texto de Freud (1976c), marcada pela defesa do considerável papel desempenhado pela repressão na vivência do inquietante. Em face dela, porém, um forte argumento a ser superado seria o seguinte: nem tudo que, ao ressurgir, evocando consigo desejos supostamente reprimidos e/ou modos aparentemente superados de pensamento, causa necessariamente uma sensação de desassossego. Nessa direção, os contos de fadas estão repletos de elementos ligados ao animismo e à onipotência dos pensamentos, assim como o Novo Testamento traz a marca da ressurreição dos mortos. Entretanto, tais fenômenos não causam em seus leitores a angústia do *Unheimliche*.

Diante de tal constatação, Freud (1976c) pondera que os exemplos contrários à sua tese adviriam, em termos gerais, dos domínios da ficção literária. Daí a necessidade de distinguir o sinistro apenas lido ou vislumbrado daquele outro efetivamente vivenciado, ao qual se ajustaria a solução psicanalítica, pautada na relação entre o efeito do sinistro e o recalque. Todavia, acrescenta o autor, também no que se refere a esse último caberia fazer uma diferenciação psicologicamente importante em termos da sua *superação* ou *repressão*. Afinal, o inquietante relativo à onipotência dos pensamentos – que englobaria, como vimos, o imediato cumprimento de desejos, a crença em secretas forças maléficas e o retorno dos mortos – nasceria de uma condição específica: a aparente confirmação de crenças anteriormente *superadas* pelo teste de realidade da razão objetiva. Enquanto isso, algo diverso ocorreria com o desassossego proveniente de complexos infantis reprimidos, do complexo de castração ou das fantasias intrauterinas, onde:

[...] não entra em cena o problema da realidade material, substituída pela realidade psíquica. Trata-se da efetiva repressão {desalojamento} de um conteúdo e do retorno do reprimido, e não do fim da crença na realidade desse conteúdo [...]. Então alcançamos o seguinte resultado: o inquietante experiencial se produz quando complexos infantis *reprimidos* são revividos por uma impressão ou quando parecem ser confirmadas convicções primitivas *superadas* (FREUD, 1976c, p. 247-248).

Ainda que fosse inviável estabelecer uma completa distinção de ambos os processos em todos os casos, pondera Freud (1976c), essa nova diferenciação, relativa ao inquietante experiencial, tornar-se-ia importante porque o contraste que estabelece entre o *superado* e o *reprimido* não poderia ser transposto para o reino da fantasia sem sensíveis modificações. Isso porque o inquietante ficcional, mais fértil e mais amplo que o anterior, dependeria, para causar seu efeito, precisamente do fato de que seu conteúdo não se submeteria ao teste imposto pela realidade. Logo: “[...] coisas que, caso ocorressem na vida real, seriam inquietantes, não o são na criação literária, onde existem muitas possibilidades de alcançar efeitos inquietantes ausentes na vida real” (FREUD, 1976c, p. 248).

Tais são, em termos gerais, os argumentos utilizados por Freud (1976c) em defesa da aplicabilidade da sua hipótese, a qual, como vimos ao longo desta exposição, associa a sensação *unheimlich* ao retorno de um conteúdo familiar anteriormente reprimido. Agora, ao alcançarmos o final do texto, paira no ar o sentimento de certa onipotência não necessariamente inquietante, mas nem por isso menos curiosa. É aquela proporcionada pelo fato de que, após se aventurar no terreno da estética literária, é a retórica do próprio Freud (1976c) que se submete à nossa apreciação como leitores. E então, fomos mais ou menos convencidos? Que cada intérprete tire as suas próprias conclusões.

É o que faz Kristeva (1994), valorizando o escrito de Freud (1976c) por considerar que foi por essa via que fomos apresentados a uma ética bastante peculiar à psicanálise: aquela que, ao tratar do “estranho”, não aborda exatamente um estrangeiro, mas detecta a estranheza do inconsciente como inominável de nós mesmos. Em tal quadro, a subjetividade não mais se revela como algo solidamente construído, mas na qualidade de um terreno passivo de (des)construções em termos de fronteiras e alteridades.

Se seguirmos essa linha de raciocínio, avança Kristeva (1994), veremos que o caráter inovador da reflexão freudiana sobre a nossa própria desintegração se reveste de grande importância ao alertar sobre os perigos de projetarmos o estrangeiro alhures. Assim, para além da reificação totalizante, da integração apressada e da perseguição irracional, torna-se possível pensar um desfecho distinto no trato com o outro: o acolhimento advindo da consciência de que a sua aflitiva estranheza é também a nossa. Nesses termos, a psicanálise adquire contornos de uma política cosmopolita de tipo novo. Afinal, sua solidariedade aparece fundada na consciência do inconsciente não como apelo à fraternidade, mas como reconhecimento do desamparo como condição última do nosso ser conosco e do nosso ser com os outros.

Então, uma vez exposto em maiores detalhes o peculiar tipo de alteridade preconizada por Freud (1976c), cabe agora questionar qual o seu sentido para a clínica psicanalítica. É o que veremos nos próximos parágrafos, quando, voltando nossa atenção

para o trabalho do analista, contrastaremos o tipo de acolhida que se pode esperar desse profissional com aquela outra, oferecida por Procusto aos incautos visitantes que vinham lhe procurar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do nosso percurso anterior pelo trabalho de Freud (1976c), podemos agora tecer algumas considerações sobre a “estranheza” inerente à própria função do psicanalista, alguém que, se em termos espaciais geralmente se localiza por detrás do divã, detém uma função que demanda a ocupação de outra posição bastante estratégica. Trata-se do lugar (ou “sítio”) do estrangeiro, perspectiva inaugurada por Fédida (1988; 1991; 1996) e que aparece reatualizada nos seguintes termos de Koltai (2000, p. 104-105):

Ao falar a esse estrangeiro que é o analista, que ocupa esse estranho lugar chamado de lugar do analista, o sujeito pode vir a se dar conta de que esse outro, objeto de seu ódio, não passa de um duplo de si mesmo, com estatuto de outro.

Nessa direção, cabe conferirmos especial destaque ao fenômeno transferencial como elo bastante particular entre os participantes do encontro analítico, fenômeno esse que adquire pelo menos dois contornos fundamentais. Seguindo Freud (1976c), a transferência aparece primeiramente como ato, como repetição daquilo que não foi ou não pôde ser representado, mas que, posteriormente associado a um além do princípio de prazer, também não é exatamente rememorado, mas sim revivido (FREUD, 1976d).

De maneira complementar, a transferência pode ser vista como uma ligação entre dois sujeitos despertada pela presença alheia como oferta de um suposto saber para alívio da dor (LACAN, 1991). Aqui, vale destacar, mais do que um grito por socorro, a demanda de análise significa um questionamento do analista como Outro. E quais as implicações disso? Ah, elas são enormes, pois se o amor de transferência (um verdadeiro “fazer amor”, já que expresso em ato) é despertado pelo analista na qualidade de Outro suposto saber, cabe a ele *manter essa suposição* – leia-se também: essa “inquietação”. Pois, conforme vimos há pouco, trata-se aí do lugar de um estrangeiro cujo papel não é o de atender as demandas do paciente – leia-se: nem em termos de amor, e nem tampouco em termos de respostas⁷.

É sómente dessa forma que se tornará possível ao analista agir como mediador no encontro daquele que pergunta com um outro ainda mais íntimo: outro de si mesmo, outro do não-simbolizável, do não-dito da transferência, do pulsional por excelência. Entretanto,

7. Há certamente importantes ressonâncias entre essa perspectiva e aquela outra, defendida por Mannoni (1991), de que o analista nada ensina ao paciente. Ou melhor, de que se o faz, fá-lo-á precisamente por uma não pedagogia que conduza o sujeito a ver a si mesmo com o seu sintoma e, tão ou mais importante, com o que jaz subjacente a ele: a ligação com um gozo que faz sofrer, mas que tem por função básica evitar um sofrimento ainda maior: o da (re)descoberta.

o que fazer para manter esse lugar do “não-lugar”, sustentando a suspensão do espaço analítico como *sítio do estrangeiro*? Bem, a resposta a essa questão depende do tipo de concepção que o analista detém sobre a transferência:

Se esta for vista como uma relação simétrica entre duas pessoas, é difícil ocupar o lugar do estrangeiro e fazer da experiência analítica o “sítio do estrangeiro”. Mas, se pudermos conceber essa relação como uma experiência na qual analista e analisando ocupam lugares não simétricos, na qual o analista pode ser visto como aquele que ocupa o lugar para onde se dirige o sintoma, não só a estrangeiridade do psicanalista fica mais evidente, como a experiência analítica enquanto “sítio do estrangeiro” torna-se mais possível (KOLTAL, 2000, p. 132).

Se permanecermos na órbita do pensamento de Fédida (1988; 1991; 1996), faz-se então pertinente destacar o quanto um relevante aprofundamento da concepção acima aparece na sugestão de que a viabilidade da manutenção de tal “lugar do estrangeiro” também depende de tomarmos como instrumento último da relação analítica não *as pessoas* do analista e do analisando, mas sim *as palavras* proferidas ao longo de cada sessão, cuja função e natureza devem ser constantemente questionadas. Opera-se assim um deslocamento do campo transferencial, agora identificado ao ato da linguagem.

Uma consequência direta de tal (re)orientação é que a terapêutica psicanalítica passa então a se fundar em uma intersubjetividade de tipo especial, já que a transferência não atinge *a pessoa* do analista, mas aquele sujeito que, por intermédio da palavra, ocupa o lugar de Outro ou de terceiro ao qual se atribui tanto um gozo faltante quanto um gozo com o qual parece impossível lidar. Assim, em termos de suporte e devolução especular, a perspectiva do tratamento se configura na passagem de um sujeito suposto saber à emergência do desejo *do próprio analisando*, com a admissão, por parte desse último, daquilo que era um sinistro “estranho de si”.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que colocamos em relevo a curiosa necessidade de um estrangeiro para que reconheçamos a alteridade em nós mesmos, enfatizamos ainda o quanto o processo analítico exemplifica toda a amplitude e a complexidade da relação de presença e ausência do Outro. Com isso, seguindo de perto Pontalis (1991), para o qual a contratransferência significa a transferência para o analista do estranho de si que não é suportado pelo paciente, podemos associar a psicanálise – e, mais particularmente, o fenômeno transferencial – a uma verdadeira “prova do estranho”. Diante dela, cabe ao analista, valendo-se sempre dos instrumentos da livre-associação e da escuta flutuante como meios privilegiados de acesso às formações do inconsciente, garantir àquele que sofre um espaço transicional onde o estrangeiro, em vez de acossado, sinta-se acolhido *na sua diferença*.

Eis aí a condição fundamental para a emergência de uma subjetividade que,

consciente das suas próprias diferenças, sinta-se mais à vontade para conviver com as diferenças alheias. Eis aí também o sentido último do retorno ao mito grego de Procusto que propusemos neste trabalho, já que, exatamente por reconhecer a alteridade do inconsciente, torna-se imperativo que o analista evite assumir para si o papel daquele personagem mitológico, um normatizador cujo crime consistia em forçosamente adequar seus hóspedes a uma lei que lhes era imposta de fora. Ao contrário, cabe ao profissional da psicanálise manter a reserva da sua condição de estrangeiro para que o analisando (ele sim) possa ter um profícuo encontro com o “inquietante” do seu próprio desejo.

Conforme sugerimos anteriormente, nesse confronto direto com o problema da diferença que o outro impõe ao analista, permanece o desafio de deixar de lado a proteção narcísica advinda da teoria. Mas, junto a ele, advém também a recomendação de um exercício bastante peculiar: aquele de colocar a si mesmo *em resposta*, o que significa nem se perder na fala do paciente e nem tampouco se embebedar demasiadamente na ordenação definida por esquemas ou condutas pré-estabelecidos. Assim, e somente assim, torna-se possível garantir um lugar para a lacuna, para uma imprevisível ruptura narrativa que, ainda que assustadora (ou precisamente por isso), pode conferir novos valores ao mal-estar, ao negativo e ao silêncio, permitindo que a vida possa readquirir a sua dimensão poética de potência criativa.

Dito de maneira distinta, trata-se de levarmos em conta o fato de que a diferença que nos é imposta pelo outro no contexto da clínica é inseparável da diferença representada pelo próprio inconsciente, dono de uma lógica e de uma temporalidade próprias que se caracterizam pela recusa em se submeterem aos ditames de um pensamento do tipo representacional onde nada é sem que esteja inserido em tramas de sentido previamente determinadas. Nessa concepção não linear, o “presente” deixa de se constituir como identidade para se tornar diferença de si e o “agora” passa a dividir sua morada com o vazio, com o irrepresentável e – tão ou mais importante – com o *instituinte*.

Com efeito, retomando o percurso que fizemos até aqui, cabe reconhecer nas passagens acima também algumas das implicações do *Unheimliche* freudiano, relativo, por sua vez, à abertura de sentido a ser deduzida da noção de pulsão de morte como potencialidade que se instala a partir do caos. Tal vivência do inquietante pode e deve remeter o analista a uma ideia de *experiência* como permanente construção e devir, experiência essa que comporte as ameaças de destruição e de luto não como um fim em si mesmas, mas como janelas para o possível. Em termos da prática clínica, isso significa nem absorver o outro e nem tampouco rechaçá-lo, mas manter diante de si um *intermezzo* entre a diferença e a indiferença, um campo virtual de proximidade que forneça o espaço mesmo da emergência dos acontecimentos e, com eles, do próprio pensamento.

REFERÊNCIAS

CESAROTTO, O. *No olho do outro*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

FÉDIDA, P. A angústia na contratransferência ou o sinistro (a inquietante estranheza da transferência). In: FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 67-94.

FÉDIDA, P. O sítio do estrangeiro. In: FÉDIDA, P. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 51-64.

FÉDIDA, P. O interlocutor. In: FÉDIDA, P. *O sítio do estrangeiro: a situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1996. p. 99-174.

FREUD, S. Introducción del narcisismo. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976a. Vol. 14, p. 65-98.

FREUD, S. Duelo y melancolía. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976b. Vol. 14, p. 235-255.

FREUD, S. Lo ominoso. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976c. Vol. 17, p. 215-251.

FREUD, S. Más allá del principio de placer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976d. Vol. 18, p. 1-62.

FREUD, S. El yo y el ello. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976e. Vol. 19, p. 1-66.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOFFMANN, E. T. A. *Los elixires del Diablo*. Madrid: Mascarón, 1983.

HOFFMANN, E. T. A. O homem da areia. In: HOFFMANN, E. T. A. *Histórias fantásticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 113-146.

KOLTAI, C. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.

KRISTEVA, J. A universalidade não seria a nossa própria estranheza? In: KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 177-202.

LACAN, J. *Le séminaire – Livre 8: le transfert*. Paris: Seuil, 1991.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MANNONI, M. O divã de Procusto. In: McDOUGALL, J. (Org.). *O divã de Procusto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 11-21.

PONTALIS, J. B. *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

RANK, O. *El doble*. Buenos Aires: Ediciones Orión, 1976.

SOUZA, M. R. Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias? *Pulsional – Revista de Psicanálise*. São Paulo, n.167, p. 57-65, 2003.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisíaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
Esfinge 82, 138, 139
Espelho psíquico 56
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
Estado mental 4, 100
Estados-limites 180
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
Estruturação do sujeito 109
Etéocles 110
Ética da clínica psicanalítica 23
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
Experiência cinematográfica 91
Experiência de contato emocional 3
Experiência emocional 3, 5
Expressões míticas contemporâneas 89
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
Fedra 75
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
Fenômenos transicionais 33
Figura materna 97, 98, 101
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
Fim trágico 92, 102, 103
Formação do Eu 50
Formação reativa 187, 199
Fórmulas da sexualização 150, 151
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
 Função do analista 156
 Função do psicanalista 167
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
 Fundamento da clínica 158
 Fundamentos da psicanálise 12
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
 Hécate 67, 73
 Helena 69
 Hélio 40, 67
 Hemon 112
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
 Hércules 69, 70, 83, 105
 Hermes 68, 77
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
 Hesíodo 5, 8, 60, 63
 Hipólito 75, 84, 153
 Histórias de captura 38, 46
 Homem contemporâneo 19, 20
 Homem psicanalítico 102
 Homem trágico 103, 173
 Homero 25
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36

Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201

Vinho 54, 174, 180, 181, 182

Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023

